

ACUMULAÇÃO POR DESPOSSessão E DESASTRES AMBIENTAIS NO LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL

Palavras-Chave: Segregação Socioespacial, Fragilidade ambiental, Desastre.

Autores(as):

Andréia Mendonça Zambanini da Silva, IG – UNICAMP

Prof. Dr. Antônio Carlos Vitte (orientador), IG - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O município de São Sebastião (SP), situado na borda Atlântica da Serra do Mar, com coordenadas geográficas de latitude 23° 45' 40" Sul e longitude 45° 24' 44" Oeste, situando-se ligeiramente ao sul do Trópico de Capricórnio. Caracteriza-se por uma ocupação urbana tensionada entre condições geomorfológicas (encostas íngremes e planícies de inundação) e lógicas capitalistas de produção do espaço (Diógenes, 2011; Machado, 2017; Vieira; Salgado; Santos, 2015). Conforme registros cartográficos do início do século XX (Figura 1), aproximadamente 1910, (História de São Sebastião: os primeiros habitantes, s.d.), observa-se a progressiva transformação do território orientada aos interesses econômicos. Atualmente, com uma população estimada em 81.595 habitantes e renda média 2,8 salários mínimos, o município revela contrastes socioespaciais agudos: de enclaves turísticos de alto padrão e áreas precária sujeitas a riscos ambientais (IBGE, 2022).

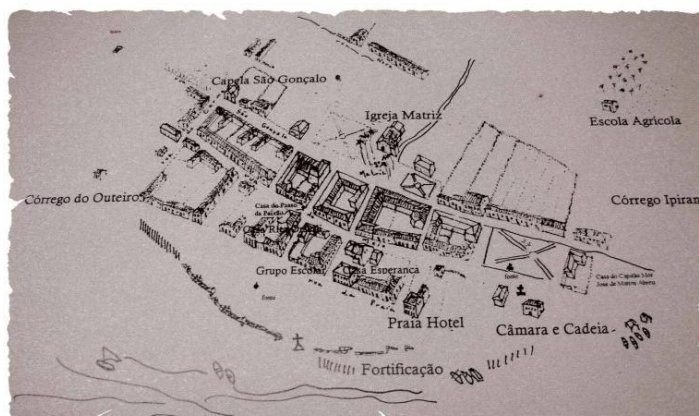


Figura 1 – Mapa da Cidade São Sebastião – fonte: <https://www.cidadeecultura.com/historia-de-sao-sebastiao-a-partir-da-ocupacao-portuguesa/>

Em fevereiro de 2023, esse cenário culminou em um desastre socioambiental, de grandes proporções no Brasil, com 64 mortes e centenas de desabrigados afetados por escorregamentos e inundações decorrentes de chuvas extremas (Vieira et al., 2023). Mais de 4.000 pessoas ficaram desalojadas e bairros inteiros, como o Sahy e Barra do Sahy, ficaram inacessíveis (“Vidas do Sahy”, 2024). Esse desastre revelou a sinergia entre os processos climáticos extremos, fragilidade geomorfológica e ocupação desordenada, resultante da mercantilização da natureza e da negligência aos limites físicos do território (Carlos, 2012; Ross, 2022), expondo a sobreposição de territorialidade conflitante: de um lado, enclaves turísticos; de outro, territórios precários onde se impõe a lógica de acumulação (Haesbaert, 2014; Harvey, 2005a).

Esse trabalho investiga como a fragilidade ambiental natural ou suscetibilidade como preferem alguns autores, inerente à Serra do Mar (relevo acidentado, solos pouco desenvolvidos e alta pluviosidade), foi potencializada pelos processos históricos de urbanização sob a lógica capitalista.

Parte-se da premissa de que o desastre não é um evento natural, mas sim um processo de acumulação por despossessão (Harvey, 2014).

A partir da leitura de autores como David Harvey, Mike Davis e Rogério Haesbaert, o trabalho dialoga com a geografia, articulando conceitos como sítio urbano e relatos de desastres. Busca-se compreender como a paisagem atual de São Sebastião foi produzida por vetores históricos da urbanização ligados à lógica capitalista, destacando o papel de reestruturação dos portos, das rodovias, turismo e do pré-sal como agentes reguladores do território, que segregando populações vulneráveis em áreas de risco. Assim, procura-se evidenciar a historicidade da tragédia, desse trabalho.

METODOLOGIA:

A metodologia adotada nesta pesquisa busca abordagens qualitativas e quantitativas sob a perspectiva da Geografia, visando compreender as relações entre aspectos históricos, produção do espaço, fragilidade ambiental e desastres ambientais no Litoral Norte do Estado de São Paulo, com enfoque no município de São Sebastião. O processo metodológico é estruturado em três etapas principais: (1) revisão sistemática da literatura, com consulta a periódicos acadêmicos, livros, e bases digitais como CAPES - (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e *Scielo*, abordando temas como natureza, relevo, mercantilização da natureza, acumulação por despossessão e os processos de valorização territorial; (2) pesquisa documental e análise de mídia, envolvendo leitura crítica de jornais, sites, vídeos e fotografias sobre o desastre de 2023, além da compilação de dados de instituições como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) e o CEMADEM (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais), com visitas técnicas aos bairros Sahy e Baleia, onde foram aplicadas observações diretas, registros fotográficos e conversa com os moradores, pescadores, lideranças comunitárias e profissionais da educação, visando compreender as percepções locais sobre o desastre, os deslocamentos forçados, a infraestrutura das novas moradias e as contradições de discursos e as experiências vividas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Análise dos dados históricos, cartográficos e empíricos revela que a vulnerabilidade socioambiental de São Sebastião resulta da inteiração entre fragilidade natural ou suscetibilidade e a apropriação capitalista do território. Essa vulnerabilidade é socialmente construída, e historicamente produzida, produto das disputas pela valorização e da segregação socioespacial (Diógenes, 2011).

3.1 Vetores históricos da vulnerabilidade

Diversos marcos históricos estruturaram um espaço de precariedade. Nos anos 1970, a expansão do Porto de São Sebastião (Machado, 2017), atraiu trabalhadores para encostas íngremes, promovendo a contenção territorial que confinou trabalhadores a encostas íngremes (Diógenes, 2011) criando zonas de reclusão socioespacial (Haesbaert, 2014). Segundo o IBGE (2022), a população dessas áreas vive com renda igual ou inferior a 1 salário mínimo, configurando uma geografia planejada

a exposição de risco (Davis, 2008). Na década seguinte, a abertura da Rodovia Rio-Santos intensificou o turismo de segunda residência e de alto padrão e deslocou populações tradicionais para as vertentes da Serra do Mar (Diógenes, 2011; Machado, 2017).

3.2. O desastre de 2023: A natureza como mercadoria

O desastre ocorrido em fevereiro de 2023 em São Sebastião não deve ser compreendido como um evento excepcional ou puramente natural, mas sim como a culminância de um processo histórico de vulnerabilização do território. Sob a perspectiva da ecologia política e da crítica à urbanização neoliberal, trata-se da expressão concreta da articulação entre o sítio natural, desigualdade social e produção capitalista do espaço (Davis, 2008; Harvey, 2004a)

Embora a mídia tenha atribuído os danos às chuvas excepcionais (Lima Neto et al., 2023; Pontes, 2023; Tomazela, 2023), dados do CEMADEN - Centro Nacional de Monitoramento de Desastres Naturais (2011) indicam de grande parte das mortes ocorreram em áreas mapeadas como de alto risco desde de 2011, revelando a desigualdade estrutural, a negligência e os efeitos duradores da acumulação por despossessão (Harvey, 2005a). Como destaca Scifoni (2006), a patrimonialização ambiental no Litoral Norte tem servido mais aos interesses da especulação fundiária do que a preservação da vida, transformando o ordenamento ambiental em instrumento de valorização seletiva do espaço.

Dessa forma, o desastre não rompeu com a lógica de valorização descrita por Moraes e Costa (1999), mas a aprofundou, subordinando processos de expulsão territorial transvestidos de planejamento ambiental (Harvey, 2005b).

3.3 A reconstrução como vetor de exclusão: gentrificação climática e contradições estatais

A fase de reconstrução após o desastre aprofundou os processos de expulsão territorial. O reassentamento de 704 famílias em unidades habitacionais no bairro Baleia, área alagável e com infraestrutura precária (CDHU, 2024; Super Bairro 2024). Essas novas moradias, embora formalmente seguras, isolam a comunidade e rompem suas redes de sociabilidade, redes multiterritoriais (Haesbaert, 2014).

Essa escolha, distante do centro urbano e dos serviços de apoio, revela o processo de acumulação pela “adaptação”, conforme definido por See et al (2025), no qual a retórica da proteção ou resiliência climática viabiliza o deslocamento de populações vulneráveis para áreas de menor valor de uso e menor segurança territorial, ao menos tempo que facilita novos ciclos de valorização fundiária. Hoje é possível encontrar terrenos na Barra do Sahy à venda por valores milionários, reforçando a lógica da ecologia do medo de Davis (2001), em que o risco legitima a remoção, e a remediação ambiental converte-se em justificativa para a configuração elitista do espaço urbano.

Harvey (2005a) descreve que, muitas vezes o papel do Estado é ser mediador e facilitador da lógica de acumulação. Isso se evidencia nas contradições de políticas ambientais e urbanas locais. O Parque Estadual da Serra do Mar ilustra esse paradoxo: embora essencial à conservação da biodiversidade, sua delimitação colabora com a concentração e a valorização fundiária, contribuindo para a seletividade territorial (Scifoni, 2006). Tal seletividade se evidencia, por exemplo, na resistência de moradores de Maresias à construção de moradias destinadas aos desabrigados do desastre em

2023, revelando os limites da solidariedade e a resistência à integração das populações vulneráveis em áreas de maior valor imobiliário (NEXO, 2025).

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

O estudo desenvolvido ao longo do projeto buscou compreender como os processos de acumulação por despossessão se articulam à produção do espaço urbano e aos desastres ambientais no município de São Sebastião (SP), especialmente a partir do evento ocorrido em 2023. Longe de ser meramente fenômenos naturais, os desastres revelam a construção social do risco, na qual o território e suas vulnerabilidades são moldados historicamente por disputas de poder, desigualdade socioespacial e interesses fundiários.

A pesquisa também procurou entender como os elementos naturais, como o relevo íngreme da Serra do Mar, os altos índices pluviométricos e os solos instáveis, embora fundamentais para a compreensão da dinâmica física do território, não explicam, por si só, uma magnitude da tragédia. O que torna o território vulnerável não é apenas sua fragilidade geomorfológica, mas, sobretudo a forma como ele é apropriado, parcelado, ocupado e socialmente regulado. A exclusão territorial e a segregação urbana impõe que os grupos de baixa renda se estabeleçam nas áreas mais sujeitas a escorregamentos, consolidando a chamada urbanização de risco, como proposto por Davis (2001, 2008).

Ao problematizar os processos de desterritorialização compulsória e territorialidades precárias, torna-se relevante refletir sobre como as populações afetadas vivem “no limite”, entre o risco ambiental e a exclusão socioespacial (Haesbaert, 2014), entre o direito a cidade e a lógica do capital (Harvey, 2004b, 2024). Ao reafirmar que o território é sempre uma construção política, simbólica e material, Haesbaert (2014) contribui para uma reflexão à naturalização das remoções e à retórica da adaptação como justificativa para aprofundar as desigualdades.

Conclui-se que enfrentar os desastres requer mais que obras técnicas, exige reconhecer a historicidade dos territórios e construir respostas ancoradas na justiça ambiental e no direito à permanência. Portanto, mais pesquisas devem ser realizadas na área de desastres socioambientais, especialmente para compreender como as comunidades afetadas estão se reorganizando após os eventos extremos vivenciados.

BIBLIOGRAFIA

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade como valor de troca: a produção do espaço urbano sob o domínio do capital**. In: Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2012.

CDHU entrega 518 moradias para vítimas de tragédia. SUPER BAIRRO, 20 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.superbairro.com.br/cdhu-entrega-518-moradias-para-desabrigados-em-sao-sebastiao/>>. Acesso em: 20 jul. 2025

CEMADEN – Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. Relatórios e boletins de risco geológico: São Sebastião/SP. São José dos Campos: CEMADEN, 2011. Disponível em: <https://www.cemaden.gov.br>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Com nova entrega de moradias, Governo de SP atende 704 famílias em 1 ano em São Sebastião. **CDHU SP**, 19 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.cdhu.sp.gov.br/-/com-nova-entrega-de-moradias-governo-de-sp-atende-704-familias-em-1-ano-em-sao-sebastiao?>>. Acesso em: 20 jul. 2025

DAVIS, Mike. **Ecologia do medo: Los Angeles e a fabricação de um desastre**. Tradução: Aluizio Pestana da Costa. 1a ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DAVIS, Mike. **Apologia Dos Bárbaros: Ensaio Contra O Império**. Tradução: Francisco Raul Cornejo. [S.l.]: Boitempo, 2008.

DIÓGENES, Kenia Nogueira. **Relações entre a vulnerabilidade social e a fragilidade ambiental no litoral norte paulista: o caso dos municípios de Ilhabela, São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba**. DISSERTAÇÃO—Campinas: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2011.

GLOBOPLAY. Vidas do Sahy. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12395469/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Grupo de moradores se opôs a habitações populares em Maresias. **NEXO**, 28 dez. 2025. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2023/02/25/grupo-de-moradores-se-opos-a-habitacoes-populares-em-maresias?>>. Acesso em: 20 jul. 2025

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade entre os conceitos da geografia**. In: Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 1–125.

HARVEY, David. Le « Nouvel Impérialisme » : accumulation par expropriation: **Actuel Marx**, v. n° 35, n. 1, p. 71–90, 1 mar. 2004a.

_____. L'urbanisation du capital: **Actuel Marx**, v. n° 35, n. 1, p. 41–70, 1 mar. 2004b.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005a.

_____. **O novo imperialismo**. Tradução: Adail Sobral; Tradução: Maria Stela Gonçalves. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. Le capitalisme, fabrique de la fragmentation: La compression spatio-temporelle. **EcoRev'**, v. N° 56, n. 1, p. 11–12, 16 set. 2024.

IBGE – FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE | Cidades@ | São Paulo | São Sebastião | Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-sebastiao/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2024.

LIMA NETO, Francisco et al. Chuva recorde leva morte e destruição para o litoral paulista. São Paulo, 20 de fevereiro de 2025. **Folha de São Paulo**, p. A1, 20 mar. 2023.

MACHADO, Maico Diego. **Fragilidade ambiental e dinâmica socioterritorial no município São Sebastião (SP)**. TESE—Campinas: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2017.

MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. 4. ed ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

PONTES, Nádia. Prever extremos como chuvas em SP é desafio para a ciência, diz climatologista Carlos Nobre. **Brasil de Fato**, 22 fev. 2025.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geomorfologia: Ambiente e Planejamento**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

SCIFONI, Simone. **A construção do patrimônio natural. Doutorado em Geografia Humana**—São Paulo: Universidade de São Paulo, 6 out. 2006.

SEE, Justin et al. Uncovering the drivers of climate gentrification in the Global South: Case study of Tacloban City, Philippines. **Political Geography**, v. 117, p. 103275, mar. 2025.

TOMAZELA, José Maria. Chuva no litoral causa mortes e deslizamentos, fecha estradas e isola praias. São Paulo. **Estado de São Paulo**, 20 fev. 2023.

VIEIRA, Bianca Carvalho; SALGADO, André Augusto Rodrigues; SANTOS, Leonardo José Cordeiro (ORGS.). **Landscapes and Landforms of Brazil**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2015.

VIEIRA, Edson Trajano et al. DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A INTENSIFICAÇÃO DAS CATÁSTROFES SOCIONATURAIS: O CASO DO MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO/SP. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 19, n. 3, p. 468–491, 17 nov. 2023.